

Finalidades da Educação Sexual nas narrativas de professores de Ciências e Biologia

Purposes of Sex Education in the narratives of Science and Biology teachers

Luisa Machado

Universidade Federal Fluminense - UFF
luisam@id.uff.br

Sandra Escovedo Selles

Universidade Federal Fluminense - UFF
escovedoselles@gmail.com

Resumo

Nosso objetivo neste artigo é analisar, por meio das narrativas de professores/as de Ciências e Biologia, finalidades educacionais que justificam a presença da educação sexual nas escolas. Com este fim, foram realizadas entrevistas com oito professores dessas disciplinas, que, após a transcrição, foram submetidas à análise de conteúdo. Os relatos dos/das professores evidenciaram o quanto a educação sexual é colocada como uma demanda pelos próprios alunos. Além disso, eles/elas destacaram a falta de diálogo entre a família e as crianças em relação à temática. Assim, salientamos o quanto é frágil o argumento de que a educação sexual é dever apenas da família, como sugerem os conservadores. Esta temática atende às necessidades sociais e subjetivas das crianças e jovens que frequentam as escolas, atuando na prevenção a abusos sexuais e assegurando seu direito à saúde.

Palavras-chave: finalidades educacionais, narrativas docentes, educação sexual

Abstract

This article aims to discuss, through the use of narratives of science and biology teachers, educational purposes that justify the presence of sex education in schools. To this end, interviews with eight teachers at these school disciplines were conducted, which, after transcription, were subjected to content analysis. The teachers' narratives showed the extent to which sex education is placed as a demand by the students themselves. In addition, they highlighted the lack of dialogue between children and their family regarding the theme. Thus, we emphasize how inconsistent the argument that sex education is only a family duty, as alleged by the conservatives. Sex education addresses social and subjective needs of children and young people who attend schools, acting to prevent sexual abuse and ensuring their right to physical and mental health.

Key words: educational purposes, teachers' narratives, sex education

Introdução

O presente trabalho é parte de um estudo que analisou temáticas de educação sexual abordadas na Base Nacional Comum Curricular, em livros didáticos de Ciências e nas práticas docentes de professores de Ciências e Biologia, considerando sua inserção no contexto escolar nos últimos 30 anos (MACHADO, 2020). Neste artigo, discutimos alguns dos resultados obtidos em entrevistas realizadas com professores de Ciências.

No contexto brasileiro atual, vemos as discussões acerca das sexualidades e dos gêneros serem, cada vez mais, censuradas por movimentos conservadores. Direitos já conquistados vêm sendo questionados, como o aborto legal em caso de estupro, assunto que repercutiu no caso da menina de 10 anos abusada pelo tio¹. Relacionado à educação escolar, podemos citar casos de censuras a livros didáticos² e perseguição a professores/as que discutam de alguma forma as questões relacionadas a essas temáticas³.

Diante deste cenário, optamos por ressaltar a relevância dessa temática para a sociedade e para as escolas. Dessa forma, nosso objetivo neste artigo é documentar, por meio da análise de narrativas de professoras e professores de Ciências e Biologia, finalidades educacionais que justificariam a presença da educação sexual nas escolas.

Metodologia

As narrativas dos/das professores foram produzidas por meio de entrevistas semiestruturadas, em que havia perguntas pré-definidas e outras que surgiram ao longo da conversa. Foram entrevistados 4 professoras e 4 professores das disciplinas de Ciências e/ou Biologia, pois a diferença de gênero poderia indicar uma diferença na abordagem da temática, considerando a complexidade do tema em relação aos papéis femininos e masculinos na docência.

- Quais experiências que você já teve na escola relacionadas à temática (educação sexual) e que gostaria de nos contar?
- Você estudou isso na sua graduação? Lembra de alguma disciplina que tenha tocado no assunto?
- Em que você se baseia para planejar uma aula com essa temática? Os livros didáticos te ajudam a pensar nisso?
- A escola em que você trabalha tem alguma política voltada para essa questão?
- Você já se sentiu ameaçada (o) de alguma forma ao trabalhar a temática?
- Fique à vontade para falar outras coisas que ainda não mencionamos ou que você ache relevante e eu não perguntei.

As duas primeiras entrevistas foram realizadas pessoalmente e gravadas, enquanto as demais foram realizadas e gravadas utilizando o recurso de videochamadas. Posteriormente, as entrevistas foram transcritas para o processo de análise. Todos os professores e as professoras autorizaram a gravação das entrevistas e os registros de suas narrativas aparecem neste texto com nomes fictícios. Na tabela 1 apresentamos alguns dados dos/as professores/as entrevistados/as.

¹ Disponível em: [Menina de 10 anos que engravidou após estupro deixa hospita em Pernambuco](#) Acessado em: 29/09/2020.

² Disponível em: [Pais acionam MP para proibir livro escolar com desenho de pênis em Rondônia](#) Acessado em 29/09/2020.

³ Disponível em: [Damares anuncia canal para denunciar professores por atos contra a família](#) Acessado em: 29/09/2020

Tabela 1: Dados dos professores entrevistados

Nome fictício	Leila	Carlos	Rosa	Vladimir	Ernesto	Clara	José	Ana
Idade	33	55	37	29	47	61	26	37
Tempo de profissão	5	28	10	6	24	33	5	10
Disciplina que leciona	Biologia	Biologia	Ciências	Ciências	Biologia	Ciência/ Biologia	Ciências/ Biologia	Ciências
Instituição de formação	UERJ FFP	UERJ	UERJ FFP	UFF	UERJ FFP	UFFRJ	UFRJ	UFF
Ano de formação	2010	1992	2005	2014	1997	1986	2015	2005

As entrevistas foram analisadas lançando mão da análise de conteúdo descrita por Moraes (1999). Conforme apresenta o autor, “as categorias são construídas ao longo do processo da análise.” (p. 10). No decorrer da análise foram construídas categorias para descrever e interpretar os dados. Nesse processo, chegamos a sete categorias para descrever as dimensões da educação sexual narradas pelos/as professores/as: didáticas; do conhecimento; sociais e culturais; das finalidades educacionais; do conservadorismo; políticas; e da formação docente. No presente trabalho, focalizamos as **dimensões das finalidades educacionais**, que incluem a importância que os/as professores/as creditam à temática e a percepção dos/as alunos/as aos olhos dos/as professores/as. Para isso, dialogamos com os estudos de Gert Biesta (2013) e estudiosos da temática de educação sexual.

Resultados e discussão

Para análise das narrativas docentes quanto à presença da educação sexual no ensino escolar, buscamos apoio na proposição de Biesta (2013) acerca das finalidades educacionais. Este entendimento orientou o exame dessas narrativas, em que os/as professores/as relataram diversos motivos pelos quais consideram a temática importante de ser abordada em suas aulas. Para Biesta, as finalidades educativas abrangem as dimensões de qualificação, socialização e subjetivação, entendidas respectivamente como a ênfase na informação, na integração social dos alunos e nos processos identitários dos estudantes dentro de seus quadros sociais. Assim, traçando um diálogo com as ideias Biesta para discutir as finalidades da educação sexual, entendemos que a função de qualificação permite informar os alunos sobre os conhecimentos científicos (anatômicos, fisiológicos e biomédicos) acerca do corpo

humano. As questões sociais que envolvem orientação sexual, gênero e violência sexual, entram na função de socialização. E os temas relacionados à subjetividade dos/as alunos/as, como o autocuidado e a afetividade estão incluídos na função de subjetivação. Nesse sentido, encontramos nas falas dos/as professores/as aspectos dessas três finalidades educacionais.

Na perspectiva das finalidades de qualificação, podemos entender que esse entendimento se encontra presente na narrativa do professor Carlos, quando ressalta a importância de abordar os conhecimentos científicos sobre a sexualidade nas escolas. O professor assinala os riscos dessas informações chegarem por outras vias, pois podem portar visões e perspectivas preconceituosas e errôneas:

Eu acho que [essa temática] é extremamente relevante porque, se isso não vier de uma maneira correta, aberta, limpa, da escola, eles vão descobrir as coisas lá fora, através da informação errada de pessoas, informações preconceituosas e tudo mais. Então, tem que partir daqui de dentro [escola] mesmo. (Carlos)

Tal preocupação em relação às fontes de informação dos/as alunos/as sobre educação sexual é destacado por Lacerda (2004) quando identificou em entrevistas com alunos do Ensino Médio que “os grupos de amigos e colegas constituem, para a maioria dos adolescentes, canais importantes de discussão e transmissão de informações sobre sexualidade e saúde reprodutiva.” (p. 13). A autora ainda destaca que, embora os estudantes entrevistados falem muito “daquilo”, isso não significa que sejam bem-informados. “Pelo contrário, o que se pôde perceber foi que os entrevistados, [...], ainda são pobremente informados sobre questões referentes à sexualidade e saúde reprodutiva.” (p. 17). Compreendendo que o teor das informações disseminadas entre os/as jovens poderia ser considerado “desinformações”, esta preocupação é também destacada pela professora Rosa, que ressalta a importância de levantar informações associadas ao senso crítico dos alunos.

mesmo agora na era digital na era da informática, a grande realidade é que os alunos não têm um super acesso assim, ou pelo menos não dominam as formas de pesquisas do conteúdo que podem ser úteis mesmo na vida e, às vezes, se colocam em risco mesmo, até de doenças e por aí vai. Então, é algo útil que consegue abordar o conteúdo específico, que se orienta de forma mais institucional, com a disciplina, aliado com o senso crítico. (Rosa)

Os professores também relataram uma falta de diálogo sobre sexualidade entre as famílias e os alunos. E destacam que essa falta de diálogo pode gerar sérios problemas físicos e psicológico para as crianças e adolescentes. Como relata a professora Clara:

Mas a maioria das famílias continuam com o preceito de que “Não, meu filhinho é um bebê, meu filhinho não cresce, meu filhinho não vai transar, meu filhinho não vai ter vida sexual.”. Então, elas acham que se não conversar sobre sexo com os filhos eles vão continuar eternamente bebês. [...] E os jovens estão cada vez mais angustiados. Porque a família não fala sobre isso e a escola acaba sendo acusada de vulgarizar a vida sexual, e o jovem fica perdido. Hoje a gente vê uma juventude depressiva, porque os pais acham que podem compensar tudo da ausência deles dentro de casa, da falta de diálogo pros filhos dando presente, dando coisas de valor econômico. (Clara)

O relato da professora Clara chama atenção para as visões conservadoras dos pais e que podem criar problemas para a vivência da sexualidade de seus/as filhos/as, porque a família é a primeira responsável pela educação sexual dos filhos, mesmo de forma inconsciente ou não intencional (WEREBE, 1998). Quanto a essa questão, Lacerda (2004) também observou a dificuldade de diálogo dos jovens com a família, principalmente porque os pais são muito

intolerantes em relação a esses assuntos. E destaca que “a família educa sexualmente seus filhos de diferentes formas e a cada momento: na expressão do olhar, na conversa, na escuta e também no afastamento, no silêncio ou mesmo na repressão verbal ou física.” (p. 9). O papel da família é ressaltado por Werebe (1998) quando afirma que “A ação educativa da família é a mais importante e, talvez, a mais decisiva sobre a formação e desenvolvimento de opiniões, atitudes e comportamentos no domínio da sexualidade da criança e dos jovens.” (p. 139). Conforme apontado pela autora, o silêncio em relação à sexualidade por parte dos pais leva os/as alunos/as buscarem informações sobre o assunto com os amigos, na escola, quando há espaço para o assunto e, atualmente, na internet.

À desinformação acrescenta-se a falta de referências em relação à sexualidade, podendo gerar também uma série de problemas individuais quanto ao conhecimento do próprio corpo, a relação com o outro e a identidade sexual e de gênero. Estes aspectos foram registrados em respostas que remetem à função de socialização. Alguns professores comentaram que a educação sexual abre a possibilidade de disputar as concepções sobre o corpo e a sexualidade ao trabalhar a temática sob perspectivas sociais e culturais. O professor José destaca essa questão

Eu acho que essa temática é relevante sim. Muito relevante. Eu acho que primeiro, pra quebrar a hegemonia do corpo biológico como uma máquina, como um corpo que não sente, como um corpo que não tem feição, como um corpo que não tem emoções e sentimentos... É importante pra gente trabalhar a questão dos afetos, trabalhar confiança entre aluno e professor... (José)

Os professores também relataram que essa temática é uma demanda muito grande dos dias atuais. Que os próprios alunos têm curiosidades e necessidades, as quais muitas vezes não são atendidas em casa ou em outros espaços. A escola, a sala de aula e o ensino do corpo humano abrem um espaço para discutir e abordar esses assuntos, como relata o professor Ernesto:

Claro que eu acho que é relevante, tanto assim que a gente dedicou um pedaço significativo do nosso currículo pra essa questão. Ah, por que? Porque é uma demanda dos dias atuais. A gente durante muito tempo trabalhou com uma perspectiva muito engessada de homem e de mulher dentro da caixinha, talvez fruto da modernidade. E silenciou [sobre isto] durante muito tempo. Eu tô falando a gente enquanto sociedade, né. Durante muito tempo a gente silenciou minorias, silenciou comportamentos diferentes, e esses comportamentos diferentes do convencional eles, ao longo do tempo, ganharam voz, ganharam força, ganharam demanda. E precisar entender como que o movimento LGBTQ+ funciona [...], como que as questões Queer funcionam, como a questão da afirmação funciona junto com tudo isso, isso pra gente virou uma demanda, porque o [nome da escola] é uma escola muito plural. [...] em 2013 isso fica mais forte com a adoção das cotas, uma escola muito plural. (Ernesto)

Esses resultados vão ao encontro do que Nicoli (2018) e Biancon (2019) registraram em suas pesquisas. As autoras relatam que professores reconhecem a temática como uma demanda vinda dos alunos e dos dias atuais e por isso é importante e necessária que seja trabalhada na escola. Silva (2007) ao entrevistar meninas que tiveram filhos na adolescência também relata que essa é uma demanda dos alunos.

Demanda de saber sobre si, sobre seu corpo, sobre o que fazer com ele, sobre como nortear ou dar sentido àquilo que já está fazendo... A demanda existe, e a necessidade de saber também. Alunos e alunas querem saber de sexo, querem falar de sexo, provocam os adultos, contam piadinhas, picham palavras consideradas “obscenas”, cantam músicas que trazem explícito seu grande interesse. Às vezes, aparentando uma inocência que já perderam há

tempo, fazem perguntas indiscretas e aguardam, dos mestres, respostas verdadeiras e a abertura de um espaço para falar desse algo tão presente nas vidas de todos. (SILVA, 2007, p. 110).

Os apontamentos de Saito e Leal (2000) vão ao encontro do papel da função de subjetivação, proposta por Biesta (2013), quando assinalam que a sexualidade é parte intrínseca do desenvolvimento da personalidade do indivíduo. Outros autores, acrescentam que a sexualidade envolve aspectos como “o sexo, a afetividade, o carinho, o prazer, o amor ou o sentimento mútuo de bem querer, os gestos, a comunicação, o toque e a intimidade.” (FIGUEIRÓ, 2006, p. 2). Nesse sentido, os professores entrevistados destacam que a educação sexual permite que essas dimensões da sexualidade sejam trabalhadas na escola. Como destaca a professora Ana:

Mas eu vejo assim que o conteúdo é muito importante no sentido de abrir né, ele abre ali um acesso do aluno com o professor e abre uma via, e a partir dessa via estabelecida você consegue ter uma troca mais profunda com o aluno, e aí percebendo a necessidade cada um, que são assuntos... eu vejo assim são assuntos individuais, muito particulares. (Ana)

Na contramão dos reclamos conservadores, os relatos dos professores e das professoras evidenciam o quanto é relevante trabalhar a educação sexual na escola especialmente sob um viés social e cultural. Como aponta o professor Ernesto, a escola é um espaço muito plural e as necessidades se colocam como uma demanda aos professores e para a escola como um todo.

Considerações finais

Diante das falas dos professores e professoras, reunimos evidências sobre a relevância da temática de educação como proposta a ser trabalhada nas escolas e em que medida sua inserção curricular se justifica principalmente pelas demandas dos/as próprios/as alunos/as. Como recomenda Werebe (1998, p. 178): “Uma autêntica educação sexual deve estar centrada na criança, no jovem e tem como ponto de partida e como ponto de chegada suas necessidades, suas indagações, suas aspirações e desejos.”. Assim, a educação sexual atende às três finalidades educacionais propostas por Biesta (2013), no sentido de (in)formar os indivíduos sobre seus corpos e sexualidade, de trabalhar questões sociais e culturais que envolvem a sexualidade e de formar sujeitos mais seguros em relação a sua sexualidade.

Portanto, censurar essa temática na escola, como pretendem grupos conservadores, não impede que os/as alunos/as tenham necessidades de acessar esses conhecimentos e de participar de discussões em qualquer espaço social a eles disponíveis. Como destaca Mattos *et al* (2017) “Supor que estas temáticas são “levadas” para a escola por materiais didáticos ou atividade pontuais é demonstrar total desconhecimento do contexto escolar e de seus conflitos que existem, porque a escola – especialmente a escola pública brasileira – é plural e diversa.”. Além disso, os/as professores/as entrevistados/as evidenciaram a falta de diálogo das famílias para com seus/uas filhos/as quando o assunto é sexualidade. Somado a isso, dados sobre abusos sofridos por crianças mostram que 40% são praticados por parentes⁴. Assim, salientamos o quanto é ideológico o argumento de que a educação sexual é dever apenas da família, como reivindicam os conservadores. Ainda que contestada por esses grupos, o estudo fortalece a defesa de que educação sexual seja ensinada nas escolas, pois atende às

⁴ Disponível em: [Ministério divulga dados de violência sexual contra crianças e adolescentes](#) Acessado em: 29/09/2020.

necessidades sociais e subjetivas das crianças e dos jovens, atuando na prevenção a abusos sexuais e assegurando seu direito à saúde.

Referências

BIANCON, Mateus Luiz. A educação sexual na escola e as tendências da prática pedagógica dos professores. Anais (...) **VI Simpósio Internacional de Educação Sexual da UEM**. Maringá – PR: UEM, 2019.

BIESTA, Gert. Boa educação na era da mensuração. **Caderno de pesquisa**, v. 42, n. 147, p. 808-825, 2013.

FIGUEIRÓ, Mary Neide Damico. Educação Sexual: como ensinar no espaço da escola. **Linhas (UDESC)**, v. 7, n. 1, 2006.

LACERDA, Marisa Alves. Adolescentes falando “daquilo”: um estudo qualitativo das fontes de informação sobre sexualidade e saúde reprodutiva em duas escolas municipais de Betim, MG. In: Anais (...) **XIV Encontro Nacional de Estudos Populacionais**, Caxambú –MG: ABEP, 2004.

MACHADO, Luisa. **Educação sexual nos currículos de Ciências e Biologia: entre a censura conservadora e as demandas socioculturais**. 2020. 68p. Monografia (Graduação) – Faculdade de educação UFF: Niterói – RJ, 2020.

MATTOS, A.; MAGALDI, A.; COSTA, C.; VELLOSO, L.; LEONARDI, P.; ALBERTI, V.; PENNA, F. Educação e liberdade: apontamentos para um bom combate ao Projeto de Lei Escola sem Partido. In: FRIGOTTO, Gaudêncio. **Escola “Sem” Partido Esfinge que ameaça a educação e a sociedade brasileira**. 1ed. Rio de Janeiro: LPP/UERJ, p. 87-104, 2017.

MORAES, Roque. Análise de conteúdo. **Revista Educação**, v. 22, n. 37, p. 1-12, 1999.

NICOLI, Juliana Stein. **Reprodução humana e sexualidade nos currículos de ciências/biologia: desafios da educação democrática no cenário de ascensão conservadora**. 2018. 61p. Monografia (Graduação) – Faculdade de educação UFF: Niterói – RJ.

SAITO, Maria Ignes.; LEAL, Marta Miranda. Educação sexual na escola. **Pediatria (USP)**, v. 22, n. 1, p. 44-48, 2000.

SILVA, Denise Regina Quaresma. **Mães-meninhas: a gravidez na adolescência escutada pela psicanálise e educação**. 2007. 201p. Tese (Doutorado em Educação) - Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre - RS.

WEREBE, Maria José Garcia. **Sexualidade, Política e Educação**. Campinas – SP: Autores associados, 217 p. 1998.